



PARANOÁ PARA TODOS

ESPORTES NÁUTICOS FAZEM SUCESSO NAS ÁGUAS DO PARANOÁ: MAS A PORÇÃO "BUCÓLICA" DO PROJETO ORIGINAL AINDA NÃO ESTÁ AO ALCANCE DE TODOS

ALINE FONSECA

DA EQUIPE DO CORREIO

No projeto do urbanista Lúcio Costa, o Lago Paranoá teria a orla intocada pela ocupação humana, a representação máxima da escala bucólica e da democracia da cidade. "(...)Apenas os clubes esportivos, os restaurantes, os lugares de recreio, os balneários e núcleos de pesca poderão chegar à beira d'água, a fim de preservar a orla intacta, tratada com bosque e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana", escreveu o urbanista em seu relatório *Brasília, cidade que inventei*.

Quarenta e quatro anos depois da construção de Brasília, o Paranoá é a parte mais representativa da escala bucólica, ajuda a amenizar o clima quase desértico da capital federal e, de fato, transformou-se em uma das principais fontes de lazer do brasileiro. O lago, criado artificialmente em uma grande obra de engenharia em 1959, morreu e nasceu em menos de 40 anos até se tornar efetivamente espaço de lazer.

Na década de 70, era tão poluído que deixava Brasília com um cheiro insuportável. Na década de 80, começou a ser despoluído até chegar aos 98% de balneabilidade. O lado negativo é que, em apenas 44 anos, o Paranoá perdeu 2,3 quilômetros quadrados de seu espelho d'água, o equivalente a 213 campos oficiais de futebol. Lagos e lagoas tendem a encolher naturalmente. Mas, no caso do Paranoá, a ocupação rápida também acelerou sua diminuição. "A parte boa é que se o lago fosse poluído ninguém gostaria de usufruir. Mas nem todos têm acesso", afirma o biólogo da Companhia de Saneamento do DF (Caesb), Fernando Starling.

O lago democrático que Lúcio Costa queria não se concretizou, mas a idéia persiste. A criação do Lago Sul e do Lago Norte derrubaram a intocabilidade da orla. O que era para ser um cinturão de vegetação virou jardim de casas da classe média alta. Os clubes não dão acesso a todos e grande parte dos brasileiros não tem dinheiro para esportes náuticos.

Lotes

Segundo levantamento da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), dos 219 lotes existentes na beira do lago, 102 estão destinados para clubes, nove para hotéis, oito para restaurantes e cervejarias, 11 para órgãos institucionais, dez para organismos internacionais e seis outras áreas à cultura. Apenas 22% dos terrenos estão em terra pública — o restante pertence a particulares ou foi alienado para eles.

O relatório identificou o que já se sabia: até hoje, o lago é fonte de lazer para quem frequenta os clubes, mora à beira do Paranoá ou pratica esporte náutico. As opções abertas à comunidade ainda são poucas: a Prainha (ao lado do Pier 21), o Piscinão (próximo às ML 5 e 7 do Setor de Mansões do Lago Norte), o Parque da Ermida Dom Bosco, o Pontão do Lago Sul, a QL 02 do Lago Norte e a ML 12 do Lago Norte. A Seduh quer popularizá-lo e retomar o Projeto Orla, parado desde 1998. "Queremos facilitar o acesso da população a essas áreas de lazer", diz a secretária de Habitação, Ivelise Longhi.

Organizações não-governamentais e governo discutem como ampliar o acesso gratuito. "Queremos mostrar que o lago é sim um espaço democrático, existe uma preocupação em resgatar o Paranoá como um ambiente para todos", afirma o biólogo da Companhia de Saneamento do DF (Caesb), Fernando Starling, nomeado pelo governador Joaquim Roriz como o "xerife" do Paranoá.

"O lago é um bem público. Talvez o primeiro passo para torná-lo acessível seja mostrar aos moradores que todos têm o direito de utilizá-lo", afirma o secretário do Meio Ambiente, Jorge Pinheiro.

ONDE FREQUENTAR

As áreas do Lago Paranoá livres para o uso do brasileiro



CANOAGEM E PESCA

As melhores lembranças do Lago Paranoá para Diana Nishimura, 30 anos, são as competições de pescaria, que seu pai inventava toda vez que ia ao clube Monte Líbano, nos fins de semana. "Teve um dia que chegamos a pegar 130 peixinhos, daqueles que se devolve para a água porque não dá para comer", conta a personal trainer. Apesar de ter nascido em São Paulo, ela se considera brasileira de coração. Veio para a capital quando tinha um ano de idade e aqui ficou desde então. E por isso mesmo é uma apaixonada pelo lago.

Nas horas vagas, Diana, como tantos outros moradores de Brasília, recorre ao Paranoá para se divertir. Mas ela também tem o privilégio de "trabalhar" no lago: diariamente treina e dá aulas de canoagem em clubes da cidade. "Sou canoísta desde 1995 e to-

dos os meus hobbies estão ligados ao esporte e ao Paranoá."

Ela lembra perfeitamente do período em que o lago era reconhecido de longe pelo mau cheiro da água, nas décadas de 70 e 80. E lembra também quando a despoluição levou os brasileiros a se divertirem nas margens do Paranoá. Nas idas e vindas diárias pelas águas, Diana conhece cada canto do Paranoá. "Já percorri todo o perímetro do lago. Como ele tem uma dimensão bacana, ainda há cantinhos virgens", comenta. "Lembro de uma vez em que cheguei num ponto desconhecido e desabitado, onde havia uma ninhada de uns mil patos silvestres", narra.

A paixão fez Diana se mobilizar para manter a beleza do lago. No segundo semestre, ela pretende unir outros apaixonados para limpar as margens do Paranoá. "É claro que não vamos limpar geral, mas a idéia é que cada um faça a sua parte."

CONFLITOS SOBRE AS ÁGUAS

Um lago para todos inclui pescadores profissionais e amadores, mergulhadores, usuários de lanchas, barcos a vela, jet-skis, esportistas e banhistas. No caso das embarcações, somente em Brasília existem três mil registradas, entre barcos de grande e pequeno portes e lanchas. São 50 pescadores profissionais, além dos banhistas e pescadores amadores. "Os interesses são muitos e com a democratização do lago, temos de lidar com a possibilidade de conflitos", afirma o gestor do Paranoá, Fernando Starling.

Os conflitos já existem. A Cooperativa de Pescadores Profissionais do Lago Paranoá (Coopelap) reclama dos pescadores amadores, e vice-versa. Para os profissionais existe a delimitação das áreas onde a atividade pesqueira pode ser executada. Para os amadores, qualquer espaço é permitido e os dois costumam não se entender. Entre os usuários de lanchas, pescadores e banhistas também há

problemas — os motores dos barcos acabam assustando os peixes.

A solução está na legislação. A Lei das Águas (Lei Federal 9.433 de 2001) e a Lei Distrital 2.725 de 2001 prevêem a criação de comitês de bacias hidrográficas para a gestão, também dos conflitos, nos mananciais hídricos. No DF, a Bacia do Paranoá é a única a ter um projeto pronto desde 2001, com pessoas mobilizadas a participar, mas falta sair do papel. Na prática, o comitê precisa ser

criado pelo Conselho de Recursos Hídricos do DF da Semarh. O conselho, no entanto, ainda não se

reuniu em 2004 e não funcionou em 2003. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente, houve troca dos conselheiros e por isso a demora na criação do comitê. "O comitê tem a função de combinar disponibilidades com necessidades, além de di-

minuir conflitos", explica o biólogo e professor da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Salles.

"Precisamos mostrar à população que jogar um papel de bala causa impactos no Paranoá"

Fernando Starling,
Gestor do lago

Riacho

De acordo com Fernando Starling, na questão ambiental o calcanhar de aquiles do Paranoá é um de seus tributários, o Riacho Fundo. "É a área mais urbanizada da bacia e a mais comprometida", diz Starling. Onde o Riacho Fundo se encontra com o lago há hoje um pântano, sinal do assoreamento avançado dos mananciais.

No ano passado, a Caesb começou o Projeto Corrente, na tentativa de salvar os córregos mais comprometidos da bacia, para evitar que o lago seja atingido. O primeiro da lista foi o Riacho Fundo. Foram plantadas 1.200 mudas de árvores nativas nas bordas do córrego e coletadas 60 toneladas de lixo.

"Para manter o lago em bom estado, precisamos olhar para fora, mostrar à população que jogar um papel de bala ou uma garrafa peti no chão causa impactos no Paranoá", afirma o biólogo da Caesb.